REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

A VERDADE TEM TERRITÓRIO: COLONIALIDADE, CAPITAL E HIERARQUIAS ESPACIAIS DA CIÊNCIA

TRUTH HAS A TERRITORY: COLONIALITY, CAPITAL, AND THE SPATIAL HIERARCHIES OF SCIENCE

LA VERDAD TIENE TERRITORIO: COLONIALIDAD, CAPITAL Y JERARQUÍAS ESPACIALES DE LA CIENCIA

Valdomiro Vale de Carvalho Júnior
Mestrando em Cidades, Território, Identidade e Educação – PPGCITE
Universidade Federal do Pará – UFPA
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0004-6847-5253
Lattes ID: https://lattes.cnpq.br/6311526075078324

Janaina Pinheiro Gonçalves
Doutora em Biodiversidade e Biotecnologia – BIONORTE
Secretaria Municipal de Educação de Abaetetuba-PA (SEMEC)
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0003-1608-0247
Lattes ID: http://lattes.cnpq.br/1036337323525548

Marcicleide Cardoso Moraes
Mestranda em Cidades, Território, Identidade e Educação – PPGCITE
Universidade Federal do Pará – UFPA
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0005-6344-2687
Lattes ID: http://lattes.cnpq.br/8270562496970104

Daniele da Silva Costa
Doutora em Educação – PPGED
Universidade do Estado do Pará – UEPA
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0001-7718-0829
Lattes ID: http://lattes.cnpq.br/9817184588181407

Weverton do Socorro Oliveira
Mestre em Educação e Cultura – PPGEDUC
Universidade Federal do Pará – UFPA
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0009-7892-1831
Lattes ID: http://lattes.cnpq.br/6294428357090793

Jhonys Benek Rodrigues de Sarges
Doutorando em Ciências da Educação – UDS
Secretaria Municipal de Educação de Abaetetuba-PA (SEMEC)
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0008-9471-582X
Lattes ID: http://lattes.cnpq.br/3018412527317477

Andréia da Silva Cardoso
Secretaria Municipal de Educação de Abaetetuba-PA (SEMEC)
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0003-6543-8580
Lattes ID: https://lattes.cnpq.br/4011144259515350

Silvana Gomes Pereira
Especialista em Educação Especial e Inclusiva
Secretaria Municipal de Educação de Abaetetuba-PA (SEMEC)

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

Orcid ID: https://orcid.org/0009-0003-7438-3171

Arielson Dias e Dias
Graduando em Geografia
Instituto Federal do Pará – IFPA
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0007-5420-4470
Lattes ID: http://lattes.cnpq.br/4535257692835444

Edgar Santos Pereira
Graduando em Geografia
Instituto Federal do Pará – IFPA
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0003-4211-0363
Lattes ID: http://lattes.cnpq.br/9755182418361501

João da Silva Carneiro
Universidade do Estado do Pará – UEPA
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0003-1407-2104
Lattes ID: http://lattes.cnpq.br/3329684556445688

Yvens Ely Martins Cordeiro
Doutor em Ciências Agrárias
Universidade Federal do Pará - UFPA
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0003-0596-002X
Lattes ID: http://lattes.cnpq.br/8271393778032215

RESUMO

O artigo analisa a produção científica contemporânea como prática socioespacial atravessada por relações de poder, considerando o papel do território, do capital, da colonialidade e das hierarquias institucionais na construção da autoridade epistêmica. Parte-se do problema de que as desigualdades entre Norte e Sul Global condicionam a circulação, a validação e o reconhecimento dos saberes, fazendo com que determinadas produções sejam consagradas como teoria universal, enquanto outras permanecem subordinadas, traduzidas ou silenciadas. A pesquisa adotou abordagem qualitativa, bibliográfica, documental e analítico-interpretativa, com diálogo entre geografia crítica, sociologia da ciência e estudos decoloniais. O corpus foi delimitado por literatura especializada e documentos institucionais relativos à circulação, indexação, financiamento, idioma e publicação científica. A análise foi conduzida por categorias temáticas híbridas, articulando revisão bibliográfica, documentos oficiais e evidências editoriais. Os resultados indicam que universidades de prestígio, agências de fomento, editoras internacionais, bases indexadoras, métricas de impacto e idiomas hegemônicos operam como filtros de legitimação científica. Evidenciam também que conhecimentos produzidos a partir de experiências indígenas, quilombolas, ribeirinhas, camponesas, populares e periféricas tendem a ser aceitos como dados empíricos, mas enfrentam resistência quando se apresentam como formulação teórica. Conclui-se que a democratização da ciência exige justiça cognitiva, valorização de epistemologias situadas e revisão crítica dos mecanismos que definem o que pode circular como verdade científica.

Palavras-chave: Autoridade epistêmica; Sul Global; indexação científica; epistemologias situadas.

ABSTRACT

This article analyzes contemporary scientific production as a socio-spatial practice shaped by power relations, considering the role of territory, capital, coloniality, and institutional hierarchies in the construction of epistemic authority. It starts from the problem that inequalities between the Global North and the Global South condition the circulation, validation, and recognition of knowledge, causing certain productions to be consecrated as universal theory, while others remain subordinated, translated, or silenced. The research

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

adopted a qualitative, bibliographic, documentary, and analytical-interpretative approach, in dialogue with critical geography, the sociology of science, and decolonial studies. The corpus was delimited by specialized literature and institutional documents related to scientific circulation, indexing, funding, language, and publishing. The analysis was conducted through hybrid thematic categories, articulating bibliographic review, official documents, and editorial evidence. The results indicate that prestigious universities, funding agencies, international publishers, indexing databases, impact metrics, and hegemonic languages operate as filters of scientific legitimation. They also show that knowledge produced from Indigenous, Quilombola, riverine, peasant, popular, and peripheral experiences tends to be accepted as empirical data, but faces resistance when presented as theoretical formulation. The article concludes that the democratization of science requires cognitive justice, the appreciation of situated epistemologies, and a critical review of the mechanisms that define what may circulate as scientific truth.

Keywords: Epistemic authority; Global South; scientific indexing; situated epistemologies.

RESUMEN

El artículo analiza la producción científica contemporánea como una práctica socioespacial atravesada por relaciones de poder, considerando el papel del territorio, del capital, de la colonialidad y de las jerarquías institucionales en la construcción de la autoridad epistémica. Se parte del problema de que las desigualdades entre el Norte Global y el Sur Global condicionan la circulación, la validación y el reconocimiento de los saberes, haciendo que determinadas producciones sean consagradas como teoría universal, mientras otras permanecen subordinadas, traducidas o silenciadas. La investigación adoptó un enfoque cualitativo, bibliográfico, documental y analítico-interpretativo, en diálogo con la geografía crítica, la sociología de la ciencia y los estudios decoloniales. El corpus fue delimitado por literatura especializada y documentos institucionales relacionados con la circulación, la indexación, la financiación, el idioma y la publicación científica. El análisis se realizó mediante categorías temáticas híbridas, articulando revisión bibliográfica, documentos oficiales y evidencias editoriales. Los resultados indican que las universidades de prestigio, las agencias de financiación, las editoriales internacionales, las bases indexadoras, las métricas de impacto y los idiomas hegemónicos operan como filtros de legitimación científica. También evidencian que los conocimientos producidos a partir de experiencias indígenas, quilombolas, ribereñas, campesinas, populares y periféricas tienden a ser aceptados como datos empíricos, pero enfrentan resistencia cuando se presentan como formulación teórica. Se concluye que la democratización de la ciencia exige justicia cognitiva, valorización de epistemologías situadas y revisión crítica de los mecanismos que definen lo que puede circular como verdad científica.

Palabras clave: Autoridad epistémica; Sur Global; indexación científica; epistemologías situadas.

1 INTRODUÇÃO

A produção científica contemporânea constitui um campo de disputa atravessado por relações territoriais, econômicas, institucionais e simbólicas. Embora a ciência seja frequentemente apresentada como linguagem universal da razão, sua circulação ocorre por meio de infraestruturas historicamente desiguais, nas quais universidades de prestígio, agências de fomento, bases indexadoras, editoras internacionais, idiomas hegemônicos e métricas de impacto condicionam o reconhecimento público do conhecimento. Nesse cenário, a autoridade científica não se forma fora do espaço, mas

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

em relação direta com os lugares, redes e instituições que definem quais saberes alcançam legitimidade e quais permanecem submetidos à condição de conhecimento periférico, localizado ou secundário.

Neste artigo, a expressão “verdade científica” é utilizada em sentido operacional: não designa a verdade como correspondência epistemológica em sentido estrito, mas o conjunto de mecanismos sociais, espaciais, institucionais e editoriais pelos quais determinados conhecimentos passam a circular como verdade autorizada. Assim, distinguem-se validade científica, autoridade epistêmica, circulação bibliométrica e legitimação institucional, embora esses planos se relacionem concretamente na vida acadêmica. A crítica aqui desenvolvida não nega a importância do rigor metodológico, da revisão por pares, da coerência argumentativa, da transparência e da cumulatividade crítica. O que se problematiza é a captura desigual desses critérios por dispositivos de consagração que tendem a converter prestígio institucional, idioma, capacidade financeira e presença em bases seletivas em sinônimos de qualidade científica.

Assim, a ciência moderna se consolidou em articulação com a colonialidade do poder, a divisão internacional do trabalho intelectual e a hierarquização global dos territórios. A modernidade produziu uma racionalidade que classificou povos, culturas, línguas e formas de conhecimento a partir de padrões eurocentrados de validação, fazendo com que determinadas regiões fossem reconhecidas como produtoras de teoria, enquanto outras fossem convertidas em fontes de dados, objetos empíricos ou campos de aplicação (Quijano, 2000; Lander, 2005). Essa geografia desigual da razão permanece ativa quando o conhecimento produzido no Sul Global precisa atravessar filtros de tradução, indexação, financiamento e reconhecimento para adquirir visibilidade nos circuitos acadêmicos internacionais.

O território, nesse debate, não pode ser compreendido como simples localização física da pesquisa. Ele expressa relações de poder, usos, normas, técnicas, disputas, memórias e formas de existência historicamente produzidas. O espaço geográfico resulta da articulação entre sistemas de objetos e sistemas de ações, o que torna impossível separar conhecimento, sociedade e materialidade territorial (Santos, 2006). Assim, pensar a ciência a partir do território significa reconhecer que toda produção

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

intelectual nasce situada, vinculada a condições concretas de existência, infraestrutura, idioma, financiamento, circulação e legitimidade institucional.

Nesse contexto, a relevância do tema reside em compreender a ciência como prática pública, territorializada e socialmente responsável. Em tempos de crise socioambiental, desigualdades globais e disputas sobre a legitimidade do conhecimento, não basta avaliar a ciência por produtividade, impacto bibliométrico ou circulação editorial. É necessário indagar quais territórios conseguem converter suas experiências em teoria reconhecida, quais sujeitos são autorizados a falar como produtores de conhecimento e quais mecanismos tornam alguns saberes mais audíveis que outros.

Diante disso, este artigo parte do seguinte problema de pesquisa: como as desigualdades territoriais entre Norte e Sul Global organizam a autoridade científica contemporânea, convertendo a ciência em um campo de disputa no qual capital, colonialidade e localização geográfica definem quais saberes podem circular como verdade e quais permanecem subordinados, traduzidos ou silenciados?

O objetivo consiste em analisar a produção científica contemporânea como prática socioespacial atravessada por relações de poder, evidenciando como território, circulação acadêmica, financiamento, idioma, indexação e prestígio institucional participam da construção desigual da autoridade epistêmica. Para isso, o estudo caracteriza bases territoriais, institucionais e econômicas da legitimidade científica; examina como colonialidade do saber e dependência acadêmica influenciam a circulação de conhecimentos produzidos no Sul Global; e discute implicações geográficas, políticas e epistemológicas da hierarquização dos saberes, apontando possibilidades de valorização de epistemologias situadas e socialmente comprometidas.

2 METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida por abordagem qualitativa, com caráter bibliográfico, documental e analítico-interpretativo. Essa escolha permitiu examinar a produção científica como prática social situada, atravessada por relações de poder, prestígio institucional, financiamento, idioma, indexação e circulação desigual do conhecimento.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

Conforme Minayo (2014), a pesquisa qualitativa é adequada à análise de fenômenos sociais complexos, especialmente quando envolvem sentidos, disputas, práticas institucionais e relações historicamente constituídas.

A investigação assumiu perspectiva crítica e interdisciplinar, articulando contribuições da geografia, da sociologia da ciência e dos estudos decoloniais. A categoria território foi compreendida para além de sua dimensão física, em que, segundo Santos (2006), o espaço geográfico resulta da relação indissociável entre sistemas de objetos e sistemas de ações, o que permite entender o território como campo de usos, normas, técnicas, interesses e disputas. Assim, a ciência foi analisada como prática territorializada, vinculada a centros acadêmicos, redes editoriais, indexadores, universidades, idiomas hegemônicos e políticas de financiamento.

O levantamento bibliográfico reuniu artigos, livros, capítulos, teses e dissertações sobre colonialidade do saber, geopolítica do conhecimento, dependência acadêmica, epistemologias do Sul, desigualdade científica, indexação, capital acadêmico, idioma e circulação internacional da ciência. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica permite situar o objeto em debates teóricos já consolidados e identificar lacunas relevantes para a análise (Gil, 2008).

A pesquisa documental contemplou relatórios, diretrizes editoriais, páginas oficiais de bases indexadoras, documentos de agências de fomento, organismos internacionais, universidades, periódicos e editoras científicas. Esses materiais foram tratados como registros institucionais das formas de organização, validação e hierarquização do conhecimento. Cellard (2008) observa que o documento não é fonte neutra, pois expressa condições históricas, interesses e relações de força presentes em sua produção.

Quadro 1 – Delimitação do corpus documental analisado

Tipo De Documento	Fontes/Instituições	Finalidade Analítica	Eixo Temático
Bases indexadoras e plataformas de circulação	Scopus, Web of Science, SciELO, DOAJ e Portal de Periódicos CAPES	Identificar critérios de seleção, visibilidade, cobertura e circulação científica.	Indexação, métricas e legitimação
Documentos e páginas editoriais	Editoras científicas, periódicos internacionais e periódicos regionais	Examinar regras de publicação, custos editoriais, APCs, idiomas e prestígio editorial.	Capital editorial e ciência aberta comercial
Organismos e diretrizes científicas	UNESCO e instituições de política científica	Compreender diretrizes sobre ciência aberta, diversidade linguística, acesso e devolução social.	Justiça cognitiva e política científica
Infraestruturas regionais de	SciELO, Redalyc, Latindex, CLACSO e repositórios	Observar alternativas latino-americanas à hegemonia comercial e	Circulação regional e multilinguismo

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

circulação	públicos	anglófona, bem como seus limites de reconhecimento global.	

Fonte: elaboração própria, com base no corpus bibliográfico-documental da pesquisa.

As buscas foram realizadas nas bases Scopus, SciELO, PubMed, ScienceDirect, Portal de Periódicos CAPES, Google Acadêmico e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, além de sites oficiais de instituições científicas e editoriais. Foram utilizados descritores em português, inglês e espanhol relacionados a colonialidade do saber, geopolítica do conhecimento, ciência e território, desigualdade científica, dependência acadêmica, epistemologias do Sul, indexação científica, Norte Global, Sul Global, academic dependency, geopolitics of knowledge, coloniality of knowledge, epistemic inequality e scientific publishing.

Quadro 2 – Estratégia de busca, triagem e composição do corpus bibliográfico

Procedimento	Descrição
Combinações de descritores	Foram combinados termos em português, inglês e espanhol, como “colonialidade do saber” AND “geopolítica do conhecimento”; “ciência e território” AND “autoridade epistêmica”; “scientific publishing” AND “epistemic inequality”; “academic dependency” AND “Global South”; “indexação científica” AND “métricas de impacto”.
Triagem bibliográfica	A triagem foi realizada por leitura de título, resumo, palavras-chave e aderência ao problema de pesquisa; em seguida, os textos selecionados foram lidos integralmente quando apresentavam contribuição direta aos eixos analíticos.
Critérios de inclusão	Foram incluídas obras com autoria identificada, procedência verificável, relevância teórica ou documental e relação direta com ciência, território, colonialidade, indexação, idioma, financiamento, publicação científica ou epistemologias situadas.
Critérios de exclusão	Foram excluídos textos opinativos sem base acadêmica, materiais predatórios, documentos sem dados editoriais, fontes sem aderência temática e conteúdos cuja procedência não pudesse ser verificada.
Corpus final mobilizado	O corpus diretamente mobilizado no artigo foi composto por 27 referências bibliográficas e por 8 conjuntos documentais, articulados aos três eixos de análise: legitimação institucional, dependência acadêmica e implicações territoriais da hierarquização científica.

Fonte: elaboração própria.

O recorte temporal concentrou-se em publicações de 2000 a 2026, mantendo obras clássicas anteriores quando indispensáveis à fundamentação teórica. Foram priorizados materiais com autoria identificada, procedência verificável, aderência direta ao tema e relevância analítica.

A análise foi conduzida pela técnica de análise de conteúdo temática, conforme Bardin (2016), em três etapas: organização do corpus, exploração dos materiais e interpretação crítica. As categorias mobilizadas concentraram-se em território e produção científica, colonialidade do saber, Norte Global e Sul Global, dependência

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

acadêmica, financiamento, idioma, tradução, indexação, prestígio editorial, circulação internacional, rankings, epistemologias situadas e subalternização epistêmica.

As categorias analíticas foram organizadas de forma híbrida: parte derivou do referencial teórico e parte foi ajustada a partir da leitura dos documentos, especialmente diante da recorrência de mecanismos como APCs, indexação seletiva, domínio linguístico, concentração editorial e hierarquias regionais de circulação.

A interpretação dos dados ocorreu por triangulação entre literatura científica, documentos institucionais e fontes oficiais. Para Flick (2009), a triangulação fortalece a consistência da análise ao confrontar diferentes tipos de fonte. Esse procedimento permitiu relacionar fundamentos teóricos sobre território e colonialidade com evidências documentais sobre os mecanismos que estruturam a autoridade científica contemporânea.

A estrutura analítica integrou referencial teórico, resultados e discussão, de modo que os aportes conceituais fossem mobilizados no desenvolvimento da análise, em diálogo com os achados bibliográficos e documentais. Assim, a metodologia permitiu compreender a produção científica como fenômeno territorial, político e institucional, regulado por redes, normas, espaços e estruturas de legitimação.

3 A TERRITORIALIZAÇÃO DA AUTORIDADE CIENTÍFICA: centros acadêmicos, capital editorial e concentração institucional da legitimidade

A ciência contemporânea organiza-se como prática socioespacial atravessada por assimetrias históricas, econômicas e institucionais. A autoridade científica não emerge apenas da coerência dos argumentos, da solidez metodológica ou da relevância social dos achados, mas também de uma rede de validação composta por universidades de prestígio, agências de fomento, editoras transnacionais, bases indexadoras, idiomas hegemônicos, rankings acadêmicos e circuitos seletivos de circulação.

A contribuição conceitual do artigo é formalizada pela noção de “circuito territorial da legitimação científica”, entendida como o percurso pelo qual um conhecimento, produzido em condições territoriais específicas, atravessa filtros de infraestrutura,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

financiamento, idioma, tradução, redes editoriais, indexadores, métricas e prestígio institucional até alcançar reconhecimento público como produção científica autorizada.

Essa estrutura expressa a permanência da colonialidade do poder no campo científico. A classificação colonial dos povos, territórios e saberes constituiu uma ordem epistêmica na qual a Europa e, posteriormente, o eixo ampliado do Norte Global passaram a ocupar o lugar de medida universal da racionalidade, enquanto experiências históricas do Sul foram frequentemente reduzidas a objetos empíricos, fontes de dados ou particularidades culturais (Quijano, 2000).

A concentração da legitimidade científica em centros acadêmicos específicos revela que o território não é exterior ao conhecimento. Bibliotecas, laboratórios, plataformas digitais, periódicos, universidades, indexadores, agências de financiamento e infraestruturas linguísticas formam uma totalidade técnica e política que condiciona a produção e a circulação do saber (Santos, 2006). A ciência, por essa razão, realiza-se em lugares concretos, por sujeitos localizados e sob regimes institucionais de prestígio que tornam alguns espaços epistemicamente centrais e outros estruturalmente dependentes.

A universidade de prestígio ocupa posição decisiva nessa economia moral da verdade. Seu reconhecimento institucional não se restringe à qualidade de sua produção intelectual, pois resulta de longa acumulação histórica de recursos, arquivos, redes internacionais, domínio linguístico, capital reputacional, capacidade de atração de pesquisadores e proximidade com centros decisórios de financiamento (Alatas, 2003). Em consequência, ideias formuladas em instituições centrais tendem a circular como contribuição teórica geral, enquanto formulações produzidas em universidades periféricas precisam demonstrar permanentemente sua legitimidade, sua originalidade e sua compatibilidade com padrões externos de validação. A dependência acadêmica, nesse plano, segundo Alatas, corresponde à divisão internacional do trabalho intelectual, na qual centros metropolitanos produzem conceitos, agendas e teorias, ao passo que instituições periféricas são frequentemente incorporadas como campos de aplicação, coleta ou confirmação (2003).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

Essa divisão se reproduz por mecanismos aparentemente técnicos, como critérios de impacto, ranqueamento institucional, indexação internacional, fator de citação, idioma de publicação e vinculação a editoras de alta visibilidade (Gingras, 2016). A aparência de neutralidade desses instrumentos encobre sua inscrição em uma economia política do conhecimento. Quando a bibliometria se converte em critério avaliativo absoluto, a densidade social da pesquisa tende a ser subordinada à sua capacidade de circular nas plataformas dominantes.

Isso não significa rejeitar todo uso de indicadores. Métricas de citação, bases indexadoras e *rankings* podem ter valor diagnóstico quando empregados de modo contextualizado, transparente e combinado com avaliação qualitativa. O problema surge quando esses instrumentos são convertidos em critérios absolutos de excelência, sem considerar desigualdades de financiamento, idioma, área do conhecimento, infraestrutura regional e relevância territorial das pesquisas.

O mercado editorial científico intensifica essa assimetria ao transformar a comunicação acadêmica em setor altamente concentrado. Grandes editoras internacionais controlam parte expressiva da publicação, da distribuição e da mensuração da ciência, influenciando preços, acesso, visibilidade, prestígio e velocidade de circulação (Larivière; Haustein; Mongeon, 2015). Assim, publicar não significa apenas comunicar resultados, mas disputar entrada em um espaço regulado por custos, reputações e filtros que favorecem pesquisadores e instituições com maior capacidade financeira.

3.1 APCS E A ECONOMIA POLÍTICA DA CIÊNCIA ABERTA COMERCIAL

As taxas de processamento de artigos, conhecidas como APCs, acrescentam uma dimensão econômica à geografia da autoridade científica. Em muitos casos, a passagem do modelo fechado de assinatura para o modelo aberto financiado por autores não eliminou barreiras, apenas deslocou o custo da leitura para o custo da publicação.

> Dados sintetizados indicam que a APC é mais frequente entre publishers comerciais e que, entre 2016 e 2020, a receita potencial associada a esse

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

modelo cresceu de modo expressivo. Essa tendência evidencia a consolidação de um mercado editorial no qual visibilidade, acesso aberto e capacidade de pagamento passam a se articular (Spinak, 2022).

Quadro 3 – Evidências documentais sobre APCs e concentração editorial
Fonte: elaboração própria, com base em Spinak (2022), Larivière, Haustein e Mongeon (2015) e Haustein et al. (2024).

Evidência Documental	Fonte/Período	Implicação Analítica
A receita potencial de APCs dos nove maiores publishers incluídos no DOAJ superou US$ 1 bilhão em 2020.	Spinak (2022), a partir de dados sobre DOAJ e APCs no período 2016-2020.	A ciência aberta comercial desloca parte da barreira econômica do acesso à leitura para a possibilidade de publicação.
Grandes editoras comerciais mantêm forte presença tanto em modelos de assinatura e híbridos quanto no acesso aberto dourado.	Spinak (2022); Larivière, Haustein e Mongeon (2015).	A concentração editorial converte publicação, visibilidade e prestígio em recursos controlados por poucos grupos.
Estimativas recentes indicam valores elevados pagos a grandes editoras por acesso aberto entre 2019 e 2023.	Haustein et al. (2024).	A capacidade institucional de custear publicação interfere na circulação internacional do conhecimento.

O Quadro 3 evidencia que a ciência aberta comercial pode deslocar parte da barreira econômica do acesso à leitura para a possibilidade de publicação. Países e instituições com maior capacidade de investimento concentram melhores condições para publicar em periódicos de acesso aberto pago, enquanto pesquisadores vinculados a instituições com baixo financiamento enfrentam obstáculos adicionais para ocupar essas vitrines editoriais (Haustein et al., 2024). A promessa democrática do acesso aberto perde potência quando a abertura ao leitor convive com o fechamento econômico ao autor.

A indexação internacional também participa dessa arquitetura de consagração, pois bases como Scopus e Web of Science não apenas registram a produção científica existente, mas ajudam a definir o que será reconhecido como ciência relevante em escala global. A cobertura desigual por área, idioma, região e tipo de periódico produz efeitos sobre avaliação institucional, financiamento, progressão acadêmica e reputação dos pesquisadores. Assim, aquilo que não é indexado tende a ser percebido como menos internacional ou menos qualificado, mesmo quando responde a problemas sociais urgentes.

Essa dinâmica produz uma contradição central: conhecimentos situados em territórios marcados por conflitos ambientais, desigualdades raciais, violência colonial,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

precarização urbana e injustiça climática costumam ser tratados como locais, enquanto teorias produzidas em centros hegemônicos são recebidas como universais. A assimetria não está no alcance intelectual das formulações, mas no regime de escuta que as recebe.

Na América Latina, a tensão entre qualidade científica e excelência padronizada torna-se ainda mais evidente. A busca por excelência, quando subordinada a métricas internacionais desenhadas a partir de centros dominantes, pode deslocar agendas de pesquisa dos problemas sociais concretos para temas mais facilmente publicáveis em periódicos centrais. A consequência é a produção de uma ciência pressionada a traduzir suas inquietações territoriais para gramáticas legitimadas por circuitos externos, tal como evidência Vessuri, Guédon e Cetto (2014). A relevância pública de uma pesquisa, sua densidade histórica e seu compromisso com realidades subalternizadas passam a competir com indicadores de impacto definidos por sistemas que nem sempre reconhecem a centralidade desses problemas. A noção de qualidade torna-se, então, capturada por uma racionalidade concorrencial que privilegia visibilidade internacional, idioma inglês, redes consagradas e adequação editorial (2014).

A língua inglesa ocupa lugar estratégico nessa economia geopolítica da verdade, pois seu predomínio interfere na construção de argumentos, na seleção de referências, na formulação de problemas e na disputa por reconhecimento. Publicar em inglês amplia a circulação em certos circuitos, mas pode impor perda semântica quando conceitos nascidos de experiências históricas específicas são comprimidos em vocabulários externos. Nesse ponto, a colonialidade do saber atua quando a validação exige que o conhecimento subalternizado se converta à gramática do reconhecimento dominante (Lander, 2005; Mignolo, 2020).

Nessa continuidade, as agências de fomento integram essa cartografia desigual, pois o financiamento define o que pode ser pesquisado, por quanto tempo, com quais instrumentos, em que redes e com que grau de internacionalização. Sistemas científicos localizados em países centrais dispõem de maior estabilidade financeira, laboratórios consolidados, equipes permanentes, bancos de dados robustos, programas de mobilidade e fundos para publicação. Já pesquisadores de instituições periféricas

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

enfrentam descontinuidade orçamentária, burocracias restritivas, precariedade de infraestrutura, sobrecarga docente e menor acesso a redes internacionais de cooperação. A desigualdade de financiamento transforma-se, assim, em desigualdade de presença acadêmica. O problema não é apenas produzir conhecimento, mas conseguir fazê-lo circular nos espaços onde a ciência é reconhecida como legítima.

Essa estrutura também atravessa trajetórias de pesquisadores que atuam a partir das margens. Pesquisadores do Sul Global frequentemente precisam demonstrar que seus objetos são relevantes, que seus territórios são teoricamente fecundos e que suas categorias não são apenas descritivas. A colonialidade do ser, nesse sentido, conecta produção do conhecimento e hierarquização da existência (Maldonado-Torres, 2008).

Diante disso, a legitimidade científica não se distribui de modo horizontal entre os territórios; ela é produzida por uma economia política da circulação acadêmica que associa prestígio institucional, capital editorial, idioma dominante, indexação seletiva e financiamento concentrado. A colonialidade não sobrevive apenas na exclusão explícita de saberes, mas na normalização de critérios que fazem parecer natural a centralidade de determinados espaços e a secundarização de outros. A verdade tem território porque os meios de fazê-la circular, reconhecê-la, citá-la, financiá-la e consagrá-la permanecem profundamente desiguais.

4 COLONIALIDADE DO SABER, DEPENDÊNCIA ACADÊMICA E SUBALTERNIZAÇÃO DAS EPISTEMOLOGIAS DO SUL GLOBAL

A circulação desigual do conhecimento produzido no Sul Global revela que a ciência contemporânea opera por regimes históricos de autorização epistêmica. O problema não reside na ausência de produção intelectual nas periferias do sistema mundial, mas na forma como essa produção é recebida, traduzida e frequentemente subordinada aos vocabulários teóricos consagrados pelo Norte Global (Lander, 2005; Quijano, 2000).

A dependência acadêmica manifesta-se como divisão internacional do trabalho intelectual, na qual centros hegemônicos concentram a autoridade de nomear

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

problemas, estabilizar conceitos, definir agendas e estabelecer parâmetros de validação, enquanto instituições periféricas são induzidas a responder a matrizes teóricas externas (Alatas, 2003). Essa relação também organiza o desejo de reconhecimento, pressionando pesquisadores do Sul Global a citar cânones estrangeiros, publicar em inglês e adequar métodos a formatos editoriais dominantes (Mignolo, 2020; Maldonado-Torres, 2008).

Esse processo produz uma assimetria entre experiência e teoria. Territórios indígenas, quilombolas, ribeirinhos, do campo, amazônicos, urbanos periféricos e racializados são frequentemente aceitos como objetos legítimos de pesquisa, mas nem sempre reconhecidos como lugares produtores de categorias analíticas. A injustiça cognitiva ocorre quando a experiência histórica de povos subalternizados é convertida em material empírico, mas não em autoridade epistemológica (Santos, 2014).

A pesquisa latino-americana, africana ou asiática que enfrenta problemas concretos de terra, raça, violência ambiental, saúde coletiva, educação desigual, colonialidade e expropriação territorial pode ser lida como excessivamente localizada, militante ou descritiva quando não se submete às linguagens autorizadas da ciência global. Essa leitura reproduz um falso universalismo, pois toma a localização do Norte Global como neutralidade e a localização do Sul como particularidade. A teoria produzida no centro aparece como pensamento geral; a teoria produzida na periferia precisa justificar seu alcance. Essa assimetria revela que a universalidade científica não é apenas uma questão epistemológica, mas uma construção geopolítica sustentada por instituições, línguas, indexadores e circuitos editoriais (Connell, 2007; Beigel, 2014).

As categorias Norte Global e Sul Global são utilizadas, neste artigo, como categorias histórico-estruturais, e não como blocos homogêneos ou moralmente fixos. Há centros de consagração no Sul, periferias acadêmicas no Norte, elites universitárias em países periféricos e desigualdades profundas entre instituições de uma mesma região. Também existem periódicos predatórios, disputas internas por prestígio e dependências entre periferias. Por isso, a oposição Norte/Sul deve ser lida como chave analítica das assimetrias globais, sem apagar hierarquias internas, circuitos regionais autônomos e contradições presentes em ambos os polos.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

A colonialidade do saber também incide sobre a tradução. Traduzir para circular pode ampliar o alcance de uma pesquisa, mas também gerar perda conceitual quando categorias nascidas em experiências territoriais específicas são forçadas a caber em vocabulários externos. A geopolítica do conhecimento opera nesse ponto, pois não controla apenas onde o saber circula, mas sob quais palavras ele deve tornar-se inteligível (Mignolo, 2020; Lander, 2005).

Essa afirmação pode ser observada, por exemplo, quando pesquisas sobre manejo indígena da biodiversidade, territorialidades quilombolas ou saberes ribeirinhos são aceitas como descrição de práticas locais, mas têm menor reconhecimento quando formulam categorias próprias para interpretar natureza, comunidade, tempo, parentesco, trabalho ou território. Nesses casos, o saber situado é frequentemente valorizado como "informação de campo", enquanto sua potência conceitual permanece dependente de tradução para matrizes teóricas previamente legitimadas por universidades, periódicos e avaliadores externos.

No campo editorial, a dependência acadêmica organiza a circulação desigual da produção científica por meio de revistas, bases indexadoras e métricas de impacto. A ciência produzida no Sul Global enfrenta barreiras que não são apenas linguísticas ou financeiras, mas também simbólicas. Periódicos sediados em países periféricos podem apresentar rigor editorial, relevância social e densidade teórica, mas continuam submetidos à suspeita de baixa internacionalização quando não integram as bases centrais de prestígio. Beigel (2014) demonstra que a circulação acadêmica mundial se organiza por circuitos segmentados, nos quais publicações periféricas costumam circular em espaços regionais, enquanto periódicos centrais ocupam a posição de consagração internacional. Essa segmentação converte desigualdade estrutural em aparência meritocrática.

Ao mesmo tempo, a América Latina construiu infraestruturas relevantes de circulação científica, como *SciELO*, *Redalyc*, *Latindex*, *CLACSO* e repositórios institucionais públicos. Esses circuitos ampliam o acesso, fortalecem o multilinguismo e tensionam a lógica comercial anglófona. Contudo, seu reconhecimento ainda é desigual em processos de avaliação que privilegiam bases centrais, fator de impacto e publicação

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

em inglês. Assim, as plataformas regionais funcionam simultaneamente como espaços de resistência e como evidência dos limites impostos por regimes globais de consagração.

A busca por reconhecimento internacional pode produzir efeitos ambíguos. De um lado, amplia a circulação de pesquisas periféricas; de outro, pode induzir à adaptação de temas, métodos e linguagens aos interesses editoriais dos centros hegemônicos. Quando a política de avaliação privilegia impacto bibliométrico, publicação em língua inglesa e presença em bases seletivas, a relevância territorial de uma pesquisa pode ser secundarizada em nome de sua adequação a padrões de visibilidade externa. Vessuri, Guédon e Cetto (2014) discutem essa tensão entre qualidade e excelência ao analisarem os efeitos do regime competitivo de publicação sobre a ciência latino-americana. A questão decisiva não é rejeitar a internacionalização, mas compreender que uma internacionalização regulada por assimetrias pode transformar reconhecimento em domesticação.

A subalternização epistêmica também atravessa a posição social do pesquisador. Sujeitos racializados, periféricos, amazônicos, indígenas, quilombolas ou vinculados a universidades não centrais podem enfrentar suspeitas adicionais sobre seus métodos, objetos e categorias. No campo científico, a experiência colonial analisada por Fanon (2008) reaparece quando certos sujeitos precisam demonstrar continuamente sua competência diante de uma academia que naturaliza a autoridade de alguns corpos e torna excepcional a autoridade de outros.

As epistemologias do Sul não correspondem a uma inversão simplista da hierarquia, como se bastasse substituir um centro por outro. Elas expressam a exigência ética, política e cognitiva de reconhecer conhecimentos produzidos nas lutas contra a opressão, o colonialismo, o racismo, o capitalismo predatório e a destruição dos modos comunitários de vida (Santos, 2014). Essa perspectiva não recusa o rigor científico, mas questiona a apropriação colonial do rigor por instituições que confundem validade com prestígio, universalidade com hegemonia e internacionalização com submissão linguística. A ciência comprometida com territórios historicamente subalternizados não

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

abandona a crítica, a prova e o método; ela recusa que esses critérios sejam monopolizados por uma geografia dominante da razão.

Nessa perspectiva, colonialidade do saber e dependência acadêmica atuam sobretudo nos processos de recepção, circulação e validação. O conhecimento produzido no Sul Global enfrenta uma estrutura que aceita seus dados e cita suas crises, mas resiste a reconhecer plenamente sua autoridade teórica. Por isso, a disputa pela ciência é também disputa pela legitimidade dos sujeitos e povos que pensam a partir da margem.

5 IMPLICAÇÕES GEOGRÁFICAS, POLÍTICAS E EPISTEMOLÓGICAS DA HIERARQUIZAÇÃO CIENTÍFICA: por uma razão situada, territorializada e socialmente comprometida

A consequência central da hierarquização científica é política: ela limita a capacidade de povos e territórios converterem suas experiências em linguagem pública reconhecida. Quando conhecimentos populares, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, do campo ou periféricos são considerados menos legítimos, o problema ultrapassa o campo acadêmico e alcança a organização política da realidade. A injustiça cognitiva compromete a justiça social porque restringe a possibilidade de grupos historicamente vulnerabilizados converterem memória, luta, território e experiência em linguagem reconhecida no espaço público (Santos, 2014).

A implicação geográfica consiste em reconhecer que o território não é simples recorte empírico, mas condição de pensamento, memória, conflito e elaboração política. O território envolve uso, técnica, norma, conflito, pertencimento, temporalidade e relação social, pois o espaço geográfico é constituído pela articulação entre objetos e ações historicamente situadas (Santos, 2006). Desse modo, pesquisas comprometidas com realidades subalternizadas precisam reconhecer que comunidades não são simples campos de observação, mas espaços de elaboração intelectual, política e ética. A ciência que se aproxima desses territórios sem reconhecer sua capacidade interpretativa

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

corre o risco de transformar a pesquisa em captura simbólica, convertendo vida coletiva em material analítico sem devolver reconhecimento, escuta e responsabilidade.

Essa exigência ganha densidade em contextos amazônicos, quilombolas, indígenas e periféricos, nos quais a relação entre conhecimento e território envolve modos de existência ameaçados por projetos econômicos, violência ambiental, expropriação fundiária e apagamento cultural. O pensamento territorializado não separa natureza, sociedade, memória e corpo, pois a vida comunitária se constitui por relações concretas com rios, florestas, roças, caminhos, ancestralidades, línguas, práticas de cuidado e regimes próprios de convivência. Escobar (2016) associa as lutas territoriais latino-americanas à defesa de mundos relacionais, e Krenak (2019) tensiona a racionalidade moderna ao criticar a separação entre humanidade e Terra.

Esses grupos e territórios não são tratados aqui como uma categoria única. Povos indígenas, comunidades quilombolas, populações ribeirinhas, sujeitos do campo e periferias urbanas possuem histórias, ontologias, conflitos e regimes de conhecimento distintos. A aproximação entre eles tem finalidade analítica limitada: evidenciar que diferentes sujeitos territorializados enfrentam mecanismos semelhantes de desautorização epistêmica, sem apagar a singularidade de suas formas de vida, memória, luta e produção de conhecimento.

No plano político, a hierarquização dos saberes fragiliza a capacidade dos povos e comunidades de defenderem seus direitos diante de instituições que valorizam preferencialmente linguagens técnicas, jurídicas e burocráticas. Saberes comunitários sobre água, floresta, pesca, saúde, memória, educação, manejo ambiental e pertencimento territorial podem ser desconsiderados quando não se apresentam no formato reconhecido por órgãos públicos, universidades, tribunais ou agências de pesquisa. A ecologia de saberes propõe uma relação menos hierárquica entre conhecimentos, sem dissolver suas diferenças, ao defender que diferentes racionalidades podem responder a problemas concretos a partir de critérios próprios de validade e responsabilidade (Santos, 2014).

A ciência socialmente comprometida não deve confundir rigor com distanciamento moral. Em territórios atravessados por racismo ambiental, insegurança territorial,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

negação de direitos e precarização da vida, a neutralidade pode funcionar como linguagem sofisticada da omissão. Haraway (1988) formulou a noção de saberes localizados para contestar a fantasia de uma visão sem corpo, sem história e sem posição. Nessa mesma direção, Harding (2015) defende que a objetividade forte exige examinar as posições sociais que estruturam a produção do conhecimento. O compromisso territorial, portanto, não diminui a ciência; ele amplia sua responsabilidade diante dos efeitos que suas interpretações produzem.

A consequência epistemológica dessa discussão é a necessidade de abandonar a oposição simplista entre ciência rigorosa e saber situado. Conhecimentos enraizados em territórios específicos não são menos exigentes por nascerem de experiências concretas. Ao contrário, muitas vezes lidam com fenômenos cuja complexidade escapa às categorias abstratas da ciência institucional: ciclos de águas, variações climáticas percebidas no cotidiano, formas de cultivo, medicina tradicional, oralidade, parentesco, circulação comunitária, memória de conflitos, usos coletivos da terra e práticas de resistência. Smith (2012) discute a necessidade de metodologias descolonizadoras ao enfatizar que a pesquisa sobre povos historicamente colonizados deve enfrentar os efeitos de longa duração da apropriação acadêmica. A questão, nesse sentido, não é aceitar qualquer saber sem crítica, mas construir critérios de escuta, validação e devolução que não violentem os mundos pesquisados.

Essa inflexão exige uma mudança metodológica profunda. A pesquisa territorializada precisa superar práticas extrativas, nas quais sujeitos locais aparecem apenas como informantes, enquanto a autoria, a interpretação e os benefícios simbólicos permanecem concentrados na universidade. A produção de conhecimento com comunidades subalternizadas requer consentimento efetivo, devolutiva compreensível, corresponsabilidade interpretativa, cuidado com a exposição de dados sensíveis e reconhecimento das formas coletivas de autoria. Minayo (2014) associa a pesquisa qualitativa à compreensão de sentidos, relações e processos sociais complexos, o que exige aproximação ética com os sujeitos. Tuck e Yang (2014) também problematizam a apropriação da dor de grupos vulnerabilizados como recurso narrativo,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

pois a pesquisa não pode transformar sofrimento em capital acadêmico sem compromisso com transformação social.

A valorização de epistemologias situadas também envolve uma disputa sobre linguagem. Muitas categorias produzidas por povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e comunidades do campo ou da periferia carregam experiências que não se traduzem integralmente por conceitos acadêmicos convencionais. De la Cadena (2015) mostra que certas ontologias indígenas não cabem plenamente nos vocabulários modernos de natureza e cultura, o que exige cuidado para que a tradução acadêmica não converta saberes vivos em categorias domesticadas.

No campo da geografia, essa discussão conduz à necessidade de tratar o território como categoria de pensamento e não apenas como recorte espacial. Haesbaert (2021) compreende o território a partir de relações de poder, apropriação, dominação e pertencimento, o que impede reduzi-lo a delimitação administrativa. A partir dessa leitura, epistemologias territorializadas não significam conhecimentos fechados em si mesmos, mas formas de pensar constituídas por experiências espaciais concretas. O território educa o olhar, organiza a memória, define conflitos, produz vínculos e orienta práticas de sobrevivência. Por isso, uma ciência comprometida com realidades subalternizadas deve reconhecer que há pensamento nos modos de plantar, narrar, cuidar, pescar, resistir, circular, celebrar e permanecer.

Essa permanência torna-se ainda mais relevante diante da crise socioambiental contemporânea. A destruição de florestas, rios, solos, comunidades e modos de vida demonstra o limite de uma racionalidade que separou conhecimento, economia e responsabilidade planetária. Latour (2020) compreende o terrestre como condição política decisiva do presente, e Krenak (2020) recusa a ideia de humanidade abstrata separada da Terra. Nesse cenário, saberes territorializados aparecem como respostas políticas e cognitivas a um modelo civilizatório que transformou a natureza em recurso e os povos em obstáculos ao crescimento.

A ciência aberta só se torna politicamente relevante quando associada à justiça epistêmica, à diversidade linguística, ao financiamento público e à devolução social dos resultados, conforme a recomendação da Unesco (2021). Se mantém barreiras

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

linguísticas, financeiras, editoriais e institucionais, ela amplia a leitura, mas conserva desigualdades de autoria e reconhecimento. Sua densidade política depende do fortalecimento de infraestruturas públicas, revistas regionais, repositórios institucionais, produção multilíngue e retorno social às comunidades implicadas.

A valorização de epistemologias situadas requer outra compreensão de impacto científico. O impacto não deve ser medido apenas por citações, circulação internacional ou presença em bases indexadoras, mas pela capacidade de incidir sobre problemas concretos, fortalecer sujeitos coletivos, qualificar políticas públicas, proteger territórios e ampliar formas democráticas de decisão. O conhecimento que retorna ao território em linguagem acessível, em formação, em documento público, em memória sistematizada ou em instrumento de reivindicação também realiza função científica.

Assim, os achados da pesquisa indicam que a hierarquização dos saberes produz efeitos concretos sobre a leitura dos territórios, a formulação de políticas, a legitimidade dos sujeitos e a capacidade pública da ciência. A superação parcial desse quadro exige epistemologias situadas, metodologias responsáveis e compromisso com os mundos historicamente desautorizados. Não se trata de substituir rigor por pertencimento, mas de compreender que nenhum rigor é pleno quando ignora as condições sociais, geográficas e éticas de sua própria produção.

6 SINTETIZAÇÃO DOS ACHADOS DA PESQUISA

A partir dos três eixos analíticos desenvolvidos, o Quadro 4 sintetiza os principais achados da pesquisa e suas implicações para a compreensão da ciência como prática territorializada.

Quadro 4 – Síntese dos achados analíticos da pesquisa

Objetivo Específico	Núcleo Analisado	Achado Central	Implicação Para O Artigo
OBJETIVO 1	Bases territoriais, institucionais e econômicas da legitimidade científica	A autoridade científica concentra-se em redes editoriais, indexadores, universidades de prestígio, agências de fomento e idiomas hegemônicos.	A verdade científica circula de modo desigual porque depende de infraestruturas materiais e simbólicas.
OBJETIVO 2	Colonialidade do saber e dependência	Conhecimentos do Sul Global são frequentemente aceitos como dados empíricos, mas resistidos como	A validação científica opera por filtros geopolíticos que

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

	acadêmica	formulação teórica.	subordinam saberes situados.
OBJETIVO 3	Implicações geográficas, políticas e epistemológicas	A hierarquização dos saberes afeta a leitura dos territórios, a legitimidade dos sujeitos e a formulação de políticas.	Epistemologias situadas e territorializadas aparecem como exigência de justiça cognitiva.

Fonte: elaboração própria.

Quadro 5 – Evidências, fontes e mecanismos de hierarquização mobilizados na análise

Eixo Analítico	Evidências Mobilizadas	Fontes Principais	Mecanismo De Hierarquização
Legitimação institucional e editorial	Documentos sobre indexação, APCs, ciência aberta comercial, concentração editorial e métricas de avaliação.	Larivière, Haustein e Mongeon (2015); Gingras (2016); Spinak (2022); Haustein et al. (2024).	Conversão de infraestrutura, financiamento, idioma e prestígio editorial em visibilidade científica.
Colonialidade e dependência acadêmica	Literatura sobre colonialidade, dependência acadêmica, circuitos segmentados e hierarquias entre centros e periferias.	Quijano (2000); Lander (2005); Alatas (2003); Beigel (2014); Connell (2007).	Tratamento assimétrico de teorias situadas como empiria local e validação externa pelo centro.
Epistemologias situadas e território	Debates sobre território, ecologia de saberes, saberes localizados, metodologias descolonizadoras e devolução social da pesquisa.	Santos (2006; 2014); Haraway (1988); Harding (2015); Smith (2012); Escobar (2016).	Redução de territórios a campos de coleta e subordinação do impacto territorial a métricas acadêmicas.

Fonte: elaboração própria.

Como síntese complementar, o Quadro 6 sistematiza o circuito territorial da legitimação científica identificado pela pesquisa.

Quadro 6 – Circuito territorial da legitimação científica
Etapas analíticas do percurso pelo qual o conhecimento produzido em diferentes territórios é filtrado por mediações institucionais, econômicas, linguísticas e editoriais até alcançar reconhecimento como verdade científica autorizada.

Etapa Do Circuito	Mediações Principais	Efeito Sobre A Autoridade Científica
Território de origem	Experiências sociais, conflitos, problemas públicos, memória coletiva e condições materiais de pesquisa.	Define agendas, perguntas e formas de interpretação situadas.
Infraestrutura acadêmica	Universidades, laboratórios, bibliotecas, redes de cooperação, bolsas e financiamento.	Amplia ou restringe a capacidade de produzir e sustentar pesquisa.
Mediação editorial e linguística	Idioma de publicação, tradução, APCs, revisão por pares, editoras e periódicos.	Seleciona quais conhecimentos entram nos circuitos de maior visibilidade.
Indexação e métricas	Bases seletivas, citações, fator de impacto, rankings e avaliação institucional.	Converte circulação em prestígio e prestígio em aparência de qualidade universal.
Reconhecimento ou subalternização	Consagração teórica, leitura como empiria local, invisibilidade regional ou dependência de validação externa.	Determina quais saberes circulam como verdade autorizada e quais permanecem secundarizados.

Fonte: elaboração própria, com base na análise bibliográfica e documental da pesquisa.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

O Quadro 6 reforça o argumento central do artigo: a ciência é atravessada por uma geografia desigual da autoridade, na qual alguns territórios alcançam maior capacidade de consagração epistêmica, enquanto outros precisam disputar sua legitimidade como produtores de teoria.

7 CONCLUSÃO

O estudo analisou a produção científica contemporânea como prática socioespacial atravessada por relações de poder, demonstrando que a autoridade epistêmica se constitui tanto pela coerência interna do conhecimento quanto pelas condições territoriais, institucionais, econômicas, linguísticas e editoriais que regulam sua circulação.

Os resultados indicaram que a concentração da legitimidade científica em determinados centros acadêmicos decorre da articulação entre infraestrutura material, capital editorial e prestígio institucional. Publicação, indexação e circulação internacional funcionam como filtros de consagração que podem associar a validade de uma pesquisa ao lugar de onde ela parte, à língua em que é escrita, ao periódico em que circula e à rede institucional que a sustenta.

Também se constatou que a colonialidade do saber e a dependência acadêmica interferem na recepção dos conhecimentos produzidos no Sul Global. Saberes vinculados a experiências indígenas, quilombolas, ribeirinhas, do campo, populares e periféricas são muitas vezes admitidos como dados empíricos, mas enfrentam resistência quando se apresentam como formulação teórica.

A pesquisa demonstrou, ainda, que a hierarquização científica produz implicações geográficas, políticas e epistemológicas. Ela pode reduzir territórios à condição de campo de coleta, fragilizar sujeitos e comunidades na defesa de seus modos de vida e empobrecer a ciência ao restringir sua pluralidade a formas dominantes de validação. Em contrapartida, epistemologias situadas e territorializadas ampliam a responsabilidade pública da produção científica.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

Como encaminhamento, o estudo indica medidas institucionais concretas: adoção de avaliação científica multilíngue; fortalecimento de periódicos não comerciais e de bases regionais; reconhecimento do impacto territorial e social das pesquisas; criação de fundos públicos para publicação sem transferência de custos aos autores; valorização de repositórios públicos e ciência aberta não comercial; combinação de métricas quantitativas com pareceres qualitativos; e exigência de devolução social da pesquisa às comunidades e territórios implicados.

Desse modo, os desdobramentos do estudo indicam que a verdade tem território porque sua circulação depende de mediações materiais e simbólicas desigualmente distribuídas. Reconhecer essa condição não significa negar o rigor científico, mas ampliar sua exigência ética, política e metodológica. Assim, o artigo contribui para o debate sobre ciência, território e colonialidade ao afirmar que a democratização do conhecimento exige justiça cognitiva, responsabilidade territorial e revisão crítica dos mecanismos que definem o que pode circular como verdade científica.

REFERÊNCIAS

ALATAS, Syed Farid. Academic dependency and the global division of labour in the social sciences. **Current Sociology**, London, v. 51, n. 6, p. 599-613, 2003. DOI: https://doi.org/10.1177/00113921030516003.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

BEIGEL, Fernanda. Publishing from the periphery: structural heterogeneity and segmented circuits: the evaluation of scientific publications for tenure in Argentina's CONICET. **Current Sociology**, London, v. 62, n. 5, p. 743-765, 2014. DOI: https://doi.org/10.1177/0011392114533977.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

CONNELL, Raewyn. **Southern theory: the global dynamics of knowledge in social science**. Cambridge: Polity Press, 2007. Disponível em: https://www.raewynconnell.net/p/theory.html. Acesso em: 20 dez. 2025.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

DE LA CADENA, Marisol. **Earth beings: ecologies of practice across Andean worlds**. Durham: Duke University Press, 2015. DOI: https://doi.org/10.1215/9780822375265.

ESCOBAR, Arturo. Thinking-feeling with the Earth: territorial struggles and the ontological dimension of the epistemologies of the South. *AIBR:* **Revista de Antropología Iberoamericana**, Madrid, v. 11, n. 1, p. 11-32, 2016. DOI: https://doi.org/10.11156/aibr.110102e.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/17700. Acesso em: 22 jan. 2026.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GINGRAS, Yves. **Bibliometrics and research evaluation: uses and abuses**. Cambridge: The MIT Press, 2016. DOI: https://doi.org/10.7551/mitpress/10719.001.0001.

HARAWAY, Donna. Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. **Feminist Studies**, College Park, v. 14, n. 3, p. 575-599, 1988. DOI: https://doi.org/10.2307/3178066.

HARDING, Sandra. **Objectivity and diversity: another logic of scientific research**. Chicago: University of Chicago Press, 2015. Disponível em: https://press.uchicago.edu/ucp/books/book/chicago/O/bo19804521.html. Acesso em: 27 fev. 2026.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade: sobre o giro multi/transterritorial/de(s)colonial na América Latina**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, 2021. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20210219014514/Territorio-decolonialidade.pdf. Acesso em: 5 mar. 2026.

HAUSTEIN, Stefanie; SCHARES, Eric; ALPERIN, Juan Pablo; HARE, Madelaine; BUTLER, Leigh-Ann; SCHÖNFELDER, Nina. Estimating global article processing charges paid to six publishers for open access between 2019 and 2023. **arXiv**, 2024. DOI: https://doi.org/10.48550/arXiv.2407.16551.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

LANDER, Edgardo, org. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/handle/CLACSO/14084. Acesso em: 25 mar. 2026.

LARIVIÈRE, Vincent; HAUSTEIN, Stefanie; MONGEON, Philippe. The oligopoly of academic publishers in the digital era. **PLOS ONE**, San Francisco, v. 10, n. 6, e0127502, 2015. DOI: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0127502.

LATOUR, Bruno. **Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno**. Tradução de Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento: modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 80, p. 71-114, 2008. DOI: https://doi.org/10.4000/rccs.695. Disponível em: https://journals.openedition.org/rccs/695. Acesso em: 10 abr. 2026.

MIGNOLO, Walter D. A geopolítica do conhecimento e a diferença colonial. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, v. 48, n. 48, p. 187-224, 2020. DOI: https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle48.12. Disponível em: https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/7324. Acesso em: 15 abr. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

QUIJANO, Aníbal. Coloniality of power and Eurocentrism in Latin America. **International Sociology**, London, v. 15, n. 2, p. 215-232, 2000. DOI: https://doi.org/10.1177/0268580900015002005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologies of the South: justice against epistemicide**. Boulder: Paradigm Publishers, 2014. DOI: https://doi.org/10.4324/9781315634876.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006. Disponível em: https://www.edusp.com.br/livros/natureza-do-espaco/. Acesso em: 2 maio 2026.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Decolonizing methodologies: research and indigenous peoples**. 2. ed. London: Zed Books, 2012.

SPINAK, Ernesto. Acesso aberto e pesquisas fechadas: quem se beneficia da APC? **SciELO em Perspectiva**, São Paulo, 15 set. 2022. Disponível em: https://blog.scielo.org/blog/2022/09/15/acesso-aberto-e-pesquisas-fechadas-quem-se-beneficia-da-apc/. Acesso em: 10 maio 2026.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/05/2026 - **Accepted:** 21/06/2026
Vol: 13.13
DOI: 10.66104/md3aqk44
Pages: 1-27

TUCK, Eve; YANG, K. Wayne. R-words: refusing research. In: PARIS, Django; WINN, Maisha T., org. **Humanizing research: decolonizing qualitative inquiry with youth and communities**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2014. p. 223-248. DOI: https://doi.org/10.4135/9781544329611.n12.

UNESCO. **Recommendation on Open Science**. Paris: UNESCO, 2021. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379949. Acesso em: 20 maio 2026.

VESSURI, Hebe; GUÉDON, Jean-Claude; CETTO, Ana María. Excellence or quality? Impact of the current competition regime on science and scientific publishing in Latin America and its implications for development. **Current Sociology**, London, v. 62, n. 5, p. 647-665, 2014. DOI: https://doi.org/10.1177/0011392113512839.